

# HISTÓRIA DO FUTURO E PROFECIA DO PASSADO

## o pensamento profético de padre Antônio Vieira face aos autores antigos e modernos

Marcus De Martini\*

Centro Universitário Franciscano de Santa Maria

### RESUMO

Espalhado em vários de seus sermões e obras, o pensamento profético do padre Antônio Vieira tem sido cada vez mais alvo de estudos. Intimamente relacionado a determinado período da história portuguesa – a perda da autonomia para a Espanha e a sua posterior Restauração – o pensamento profético vieirino foi forjado a partir de uma vasta fonte de referências, tanto canônicas, quanto não canônicas. A partir disso, o objetivo do presente trabalho é analisar a interpretação de Vieira das profecias veterotestamentárias, como também dos oráculos sibilinos, procurando destacar seu procedimento exegético. Para isso, busca-se relacionar a leitura de Vieira da Quarta Écloga de Virgílio e das profecias de Isaías, em sua obra *História do futuro*. Mesmo que o procedimento interpretativo de Vieira seja baseado em textos da Antiguidade, isso causa uma posição antagônica para o intérprete, haja vista a novidade de sua interpretação. Procura-se mostrar então que esse contraponto entre os autores antigos e modernos é emblemático, resultando não apenas de uma particular concepção político-teológica de mundo, mas também dos avanços do conhecimento que irromperam principalmente a partir dos séculos XVI e XVII.

### PALAVRAS-CHAVE

Padre Antônio Vieira, Virgílio, profecia

Entre os diversos aspectos que podem ser analisados na obra vieirina, o profético é um dos que cada vez mais chama a atenção da crítica especializada. Desde seus *Sermões* até sua *Defesa diante do Tribunal do Santo Ofício*, encontramos amplo material para analisar as concepções escatológicas da obra do jesuíta. No entanto, ao mesmo tempo que isso fascina os críticos, vários problemas emergem, especialmente quanto às concepções de exegese da época. Assim, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma breve análise da exegese profética de Vieira, centrando-se em duas fontes diversas: nos oráculos sibilinos e na *Quarta Écloga* de Virgílio, de matriz pagã, e nas profecias de Isaías, canônicas. Percebe-se, portanto, como as concepções de profecia do jesuíta não

---

\* marcusdemartini@gmail.com

se limitam aos textos das *Sagradas Escrituras*, mas vão muito além disso, no que, vale lembrar, não difere de grande parte dos *Padres da Igreja*, dos teólogos medievais e mesmo de intérpretes renascentistas.

Muito embora Vieira tenha se apropriado de vários textos antigos e modernos, sua exegese desses mesmos textos acabou por contrariar a dos doutores da Igreja. Assim, um dos assuntos abordados pelo jesuíta em sua *História do futuro* é justamente a possibilidade de se dizer coisas novas diante da autoridade dos autores antigos. Se, por um lado, Vieira emprega o procedimento interpretativo figural, que buscou nos *Padres da Igreja*, para ler o futuro; por outro, emprega-o a partir de uma realidade histórica particular do Reino de Portugal. Desse modo, ainda que retome a leitura alegórica comum a muitos autores antigos (como é o caso das profecias das Sibilas e de Virgílio) e modernos, Vieira emprega-as a partir do viés de seu próprio pensamento, o que se torna mais evidente nas leituras que faz dos profetas do Antigo Testamento, especialmente de Isaías. É o que procuraremos analisar a seguir.

## O PENSAMENTO PROFÉTICO DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA

O pensamento profético de Vieira liga-se profundamente ao contexto político de Portugal entre os séculos XVI e XVII, principalmente ao problema sucessório decorrente da morte de D. Sebastião, em Alcácer-Quibir, em 1578, morto sem deixar descendentes. Depois de um rápido reinado do cardeal D. Henrique, tio de D. Sebastião, Filipe II, rei da Espanha, acabou se tornando rei de Portugal, que perdia assim sua independência política.<sup>1</sup>

Com a anexação de Portugal pela Espanha e pelas circunstâncias misteriosas da morte de D. Sebastião, cujo corpo não teria sido encontrado, começou-se então a especular a respeito do regresso do rei e do restabelecimento de uma nova dinastia portuguesa. Assim, segundo Jacqueline Hermann, começou a se formar o sebastianismo: manifestação que, embora cunhada com o nome do rei desaparecido em Marrocos, tornou-se associada, de uma forma mais genérica, “à fé na volta de um rei salvador [o “encoberto”] que viria resgatar o reino português das mãos dos castelhanos e restaurar a honra e a soberania perdidas”.<sup>2</sup>

Nesse clima de crise e insatisfação, temperado de sebastianismo, é que se começou a preparar a restauração da independência portuguesa, que ocorreria apenas em 1640, alçando ao trono português D. João IV, o duque de Bragança.<sup>3</sup> A notícia da Restauração chega ao Brasil em fevereiro de 1641. Vieira, então um jovem jesuíta na Bahia, é enviado a Lisboa para saudar o novo rei, junto ao Vice-rei do Brasil, Marquês de Montalvão. Como afirma Besselaar, Vieira encontrou em Portugal um sebastianismo que, em grande parte, adaptara-se às novas circunstâncias históricas, transferindo a figura do rei encoberto de D. Sebastião para D. João IV. Vieira, segundo Besselaar, “já antes vagamente sebastianista”, aderiu logo à nova crença.<sup>4</sup> O sebastianismo que, por sua vez, acompanhara os primeiros

<sup>1</sup> MARQUES. *História de Portugal*, p. 423.

<sup>2</sup> HERMANN. *Antônio Vieira e o Sebastianismo: messianismo régio e transfiguração barroca*, p. 100.

<sup>3</sup> MARQUES. *História de Portugal*, p. 440-1.

<sup>4</sup> BESSELAAR. *Antônio Vieira: o homem, a obra, as idéias*, p. 18.

momentos de dominação espanhola, convertera-se, nos primeiros anos da Restauração, para muitos, em *joanismo*: associava-se a figura de D. João IV com a do rei encoberto, que guiaria Portugal e os cristãos na luta contra os infiéis e ajudaria Cristo a consumir seu reino da Terra. É a partir daí que Vieira começa concretamente a fazer interpretações das profecias de Bandarra, sapateiro português que teria profetizado o fim do domínio espanhol para o ano de 1640, e de toda sorte de textos proféticos que porventura caíssem em suas mãos. Em suma, Vieira considerava D. João IV como o rei encoberto de que falava Bandarra, que formaria, junto ao Sumo Pontífice, um braço temporal do Reino de Cristo, assim que Este voltasse para estabelecer a Quinta Monarquia, que teria em Portugal seu centro. No entanto, a morte de D. João IV provocaria uma mudança nas interpretações do jesuíta, que passou a crer na ressurreição do antigo rei. Foi então que escreveu uma carta ao Bispo do Japão, confessor da rainha viúva, supostamente a fim de consolá-la pela perda do esposo. A carta *Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo*, que aborda a ressurreição de D. João IV, é uma espécie de sumário do pensamento profético de Vieira, que passou a ser redigido daí em diante, muito embora já viesse tomando corpo, esparsamente, desde seus primeiros sermões, pelo menos. Essa carta, no entanto, desencadearia o processo inquisitorial enfrentado pelo jesuíta, mas também ensinaria o desenvolvimento de seu pensamento profético. É o que explica Adma Muhana:

Assim se construiu a obra profético-especulativa de Vieira. Não só a matéria da *Clavis Prophetarum*, ou seja, o Quinto Império, permanece o mesmo da *Apologia*, da *História do Futuro* e da *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*, como são todas constituídas por contraditas às questões da Inquisição, quer refutando-as, quer assimilando-as. Isto é, embora se comportem como obras distintas, são em princípio uma mesma ambivalente defesa, gerada na situação inquisitorial e dirigida a inquisidores.<sup>5</sup>

As fontes em que Vieira se fundamenta para tais afirmações, tão suspeitas ao Santo Ofício, são vastas, mas o jesuíta as divide em três: Escrituras, Razão e Autores. Basicamente, Vieira arrola as mesmas fontes de costume: os profetas, canônicos e não canônicos, os padres e santos e, por fim, os teólogos antigos e modernos.<sup>6</sup> Além disso, mais adiante, na segunda questão de sua *Defesa*, Vieira discute: “Porque razão esta sentença não seja *commum* de todos os Autores, assy antigos como modernos?”.<sup>7</sup> Aqui Vieira debate um ponto importante, que é a legitimidade da interpretação dos autores modernos face aos antigos.

## ANTIGOS E MODERNOS

Como explica Antoine Compagnon, a palavra *modernus* aparece no latim vulgar, no fim do século V, proveniente de *modo*, que significa “agora mesmo, recentemente, agora”. Assim, “*modernus* designa não o que é novo, mas o que é presente, atual, contemporâneo daquele que fala. O moderno se distingue, assim, do velho e do antigo, isto é, do passado totalmente acabado da cultura grega e romana”. No entanto, ainda

<sup>5</sup> MUHANA. O processo inquisitorial de Vieira: aspectos profético-argumentativos.

<sup>6</sup> VIEIRA. *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*, Tomo I, p. 226.

<sup>7</sup> VIEIRA. *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*, Tomo I, p. 226.

segundo Compagnon, essa separação entre antigo e moderno não implicava a noção de tempo: “ela é total, absoluta, entre a Antiguidade grega e romana, e o *hic et nunc* medieval, aqui e agora: é o conflito do ideal e do atual”.<sup>8</sup> Portanto, como afirma o autor francês, não há nesse contraponto a ideia de “progresso”, pois:

A concepção cristã do tempo não o permite. Certamente, ela inclui uma idéia de progresso espiritual, mas um progresso tipológico, fazendo da articulação do Antigo com o Novo Testamento o modelo da relação entre o tempo presente e a vida eterna, e não um progresso histórico.<sup>9</sup>

Como explica Auerbach,<sup>10</sup> o relato bíblico, uma vez que carregado de doutrina e de promessas, possui sempre um segundo sentido, oculto. Isso implica a procura por uma interpretação. Além disso, o relato bíblico nos apresenta uma realidade outra que pretende suplantar a nossa própria realidade, com uma pretensão universalista, já que apresenta uma história do mundo que vai de sua criação até o seu fim. Tudo o que aconteceria no mundo, portanto, faria parte dessa estrutura universal, do plano divino. Com o tempo, essa adequação entre a realidade vivida pelas pessoas com aquela representada na Bíblia, da qual cada vez se distanciava mais, passou a gerar problemas de interpretação. Do mesmo modo, mundos novos que iam sendo descobertos tinham que ser interpretados de modo a entrar no mundo judaico. Conforme Auerbach:

O trabalho interpretativo mais impressionante desta espécie ocorreu nos primeiros séculos do Cristianismo, como consequência da missão entre pagãos, e foi realizado por Paulo e pelos Pais da Igreja; eles re-interpretaram toda a tradição judaica numa série de figuras a prognosticar a aparição de Cristo, e indicaram ao Império Romano o seu lugar dentro do plano divino da salvação. Portanto, enquanto, por um lado, a realidade do Velho Testamento aparece como verdade plena, com pretensões à hegemonia, estas mesmas pretensões obrigam-na a uma constante modificação interpretativa do seu próprio conteúdo; este sofre durante milênios um desenvolvimento constante e ativo com a vida do homem na Europa.<sup>11</sup>

É por isso que Auerbach afirma que, apesar de os relatos bíblicos apresentarem-se como retalhos, horizontalmente independentes, eles possuem uma coerência vertical, unidos justamente pela ideia de Deus e de sua providência. Assim, o valor histórico dos acontecimentos do Velho Testamento foi perdendo terreno perante seu valor “simbólico”; os acontecimentos veterotestamentários passaram a ser interpretados como eventos que antecipavam o aparecimento de Cristo, como “figuras”. Segundo Auerbach,<sup>12</sup> esse conceito, que originalmente significava “forma plástica”, foi paulatinamente se desligando desse sentido mais concreto, deslocando-se para um sentido totalmente abstrato. Isso se deveu à helenização da cultura romana, no século I, especialmente ao estudo da retórica de Quintiliano, quando o conceito de “figura” passou a ser ligado ao de “figura de linguagem”. Os Padres da Igreja, por sua vez, deram um sentido totalmente diverso ao termo. Tertuliano

---

<sup>8</sup> COMPAGNON. *Os cinco paradoxos da modernidade*, p. 17.

<sup>9</sup> COMPAGNON. *Os cinco paradoxos da modernidade*, p. 19.

<sup>10</sup> AUERBACH. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*.

<sup>11</sup> AUERBACH. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*, p. 13.

<sup>12</sup> AUERBACH. *Figura*.

(tantas vezes citado por Vieira) foi o primeiro a empregar o termo em seu novo sentido. Segundo Auerbach, a partir do uso que fizeram desse conceito, os Padres da Igreja, a partir do século I, “figura passa” a ser “algo real e histórico que anuncia alguma outra coisa que também é real e histórica. A relação entre os dois eventos é revelada por um acordo de similaridade.”<sup>13</sup> Assim, um evento do Antigo Testamento, por exemplo, é figura de um evento do Novo Testamento pela semelhança entre os dois. Desse modo, o segundo evento “preenche” o primeiro (a figura), tornando claro um significado antes oculto; Josué “prefigura” Jesus, ou seja, “o nome Josué-Jesus é uma profecia fenomenal ou prefiguração do futuro Salvador.”<sup>14</sup> Como conclui Auerbach:

Só é possível estabelecer esta relação quando se unem os dois acontecimentos, verticalmente, com a providência divina, que é a única que pode planejar a história desta maneira e a única que pode fornecer a chave para a sua compreensão. A conexão temporal-horizontal e causal dos acontecimentos é dissolvida; o agora e aqui não é mais elo de uma corrente terrena, mas é, simultaneamente, algo que sempre foi e algo que se consumará no futuro.<sup>15</sup>

No plano divino, por ser eterno, tudo se encontra acabado, há um sempiterno presente. Contudo, no plano humano, finito, também há apenas o presente como algo real – o “instante” – como menciona Étienne Gilson, mas esse instante está impregnado de resquícios do passado e antecipações do futuro.<sup>16</sup> A duração, portanto, não desaparece para o homem medieval, mas para ele sempre há um termo para a história: o fim para o mundo já foi revelado, já é conhecido. Isso permite que as coisas do mundo sejam interpretadas a partir das coisas passadas, como também se torna possível antever as futuras. Tal ideia seria desenvolvida mais profundamente com Agostinho e não com Tertuliano. Para Agostinho, não haveria, portanto, uma verdadeira “previsão” do futuro, mas apenas um “conhecimento” dele, já que para Deus só existiria o presente.<sup>17</sup>

O método de interpretação figural não se limitou à Idade Média, mas estava ainda ativo em pleno século XVIII, com Bossuet, por exemplo.<sup>18</sup> Só isso torna compreensível que Vieira tenha chamado uma de suas obras proféticas de *História do futuro*. De acordo com João Adolfo Hansen:

É nessa linha que, no século XVII, o Padre Vieira escreveu uma *História do Futuro*, tomando por modelo de história as histórias das Escrituras, que para ele eram História, numa mescla de tipologia, relação figural de realidades, e alegoria, relação figurada de palavras. O objetivo de Vieira era teológico-político e suas alegorias compõem o futuro de Portugal profeticamente, como realização de um projeto já anunciado por Deus no passado.<sup>19</sup>

É precisamente nessa obra – a *História do futuro* – que Vieira vai se dedicar com mais afinco à relação entre os antigos e os modernos. Isso se deve justamente à interpretação

---

<sup>13</sup> AUERBACH. *Figura*, p. 27.

<sup>14</sup> AUERBACH. *Figura*, p. 27.

<sup>15</sup> AUERBACH. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*, p. 63.

<sup>16</sup> GILSON. *O espírito da filosofia medieval*, p. 474.

<sup>17</sup> AUERBACH. *Figura*, p. 37-8.

<sup>18</sup> AUERBACH. *Figura*, p. 52.

<sup>19</sup> HANSEN. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*, p. 108.

das profecias oferecida pelo jesuíta, em grande parte diferente das interpretações dos antigos. Esse fato, como não poderia deixar de ser, colocou-o numa situação incômoda, haja vista que pretendia revelar algo inaudito. No entanto, Vieira vai procurar argumentar que a “novidade” do assunto não se deve ao engenho do intérprete, mas ao seu próprio tempo:

Os futuros, quanto mais vão correndo, tanto mais se vão chegando para nós, e nós para eles; e como há tantos centos de anos que estão escritas estas profecias, também há outros centos de anos que os futuros se vão chegando para elas, e elas para os futuros; e por isso nós nos atrevemos a fazer hoje o que os Antigos não fizeram, ainda que tivessem acesa a mesma candeia; porque a candeia de mais perto alumieia melhor.<sup>20</sup>

Partindo da ideia de que os tempos de que falam as profecias estão se aproximando, a chegada do Reino de Cristo, motivo de inúmeras profecias, Vieira se coloca como um intérprete mais abalizado que os autores antigos simplesmente por estar em uma posição melhor que a deles, e não porque seja mais ou menos iluminado. Aliás, o jesuíta retoma à velha imagem da relação entre antigos e modernos:

Um pigmeu sobre um gigante pode ver mais que ele. Pigmeus nos conhecemos em comparação daqueles gigantes que olharam antes de nós para as mesmas Escrituras. Eles sem nós viram muito mais do que nós podemos ver sem eles; mas nós, como vivemos depois deles, e sobre eles por benefício do tempo, vemos hoje o que eles viram, e um pouco mais. O último degrau da escada não é maior que os outros, antes pode ser menor; mas basta ser o último, e estar em cima dos mais, para que dele se possa alcançar o que de outros se não alcança.<sup>21</sup>

De acordo com Compagnon, essa imagem nasceu da representação dos evangelistas sobre os ombros dos profetas, nos vitrais da catedral de Chartres: “Símbolo da aliança entre o Antigo e o Novo Testamento, essa imagem tornou-se, graças a uma confusão, o emblema da relação entre os antigos e os modernos.” Essa imagem foi muito tempo associada a um lugar-comum, surgido no século XII, em Bernard de Chartres: *Nanus positus super humeros gigantis* (“Somos como anões nos ombros de gigantes”). No entanto, para o teórico francês, a relação entre a imagem e o lugar-comum é incoerente com a concepção cristã da relação entre os dois Testamentos. Há uma ambiguidade nessa representação: seriam os modernos menores ou mais perspicazes?<sup>22</sup>

Vieira é mais claro quanto ao assunto. Como afirma o jesuíta, muitas vezes, muitos cavam à procura de um tesouro e não encontram nada. Outros se aproximam e, com poucas enxadadas, terminam descobrindo o tesouro pelo qual outros haviam trabalhado muito mais. Conclui então o padre: “Assim aconteceu no tesouro das profecias: cavaram uns e cavaram outros, e cansaram todos; e, no cabo, descobre o tesouro quase sem trabalho aquele último para quem estava guardada tamanha ventura, a qual sempre é do último.” O tempo, portanto, é o responsável pelo fato de uns descobrirem o “tesouro escondido” e não outros, já que Deus define o tempo em que as coisas devem ocorrer. Exemplo claro disso fora a descoberta do caminho marítimo para as Índias.<sup>23</sup> Assim, no caso específico das profecias,

<sup>20</sup> VIEIRA. *História do futuro*, p. 240.

<sup>21</sup> VIEIRA. *História do futuro*, p. 241.

<sup>22</sup> COMPAGNON. *Os cinco paradoxos da modernidade*, p. 18.

<sup>23</sup> VIEIRA. *História do futuro*, p. 246.

como por várias vezes afirma Vieira, o tempo “é o mais certo intérprete”. Citando Daniel, quando afirma que só entendera uma profecia de Jeremias quando ela estava prestes a se cumprir,<sup>24</sup> Vieira conclui que: “O tempo foi o que interpretou a profecia e não Daniel, sendo Daniel um tão grande profeta.” Assim, Vieira constrói uma posição que tira de si o peso de intérprete, contrariando e inovando em relação aos autores antigos, e também modernos. A sua inovação, portanto, não decorre de si próprio, já que não é ele quem interpreta as profecias, mas sim do tempo, que é o verdadeiro intérprete delas.

De maneira que, resumindo toda a resposta da objeção, digo que descobrimos hoje mais, porque olhamos de mais alto; e que distinguimos melhor porque vemos mais perto; e que trabalhamos menos porque achamos os impedimentos tirados. Olhamos de mais alto, porque vemos sobre os passados; vemos de mais perto, porque estamos mais chegados aos futuros; e achamos os impedimentos tirados, porque todos os que cavaram neste tesouro e varreram esta casa, foram tirando impedimentos à vista, e tudo isto por benefício do tempo, ou, para o dizer melhor, por providência do Senhor dos tempos.<sup>25</sup>

Fica evidente, portanto, que o “tempo” a que Vieira se refere não é concebido de forma positiva, aberto para um futuro infinito, que compreenderia a ideia de “progresso”. É um tempo preestabelecido, irreversível sim, mas acabado, demarcado como um ponto num mapa, espacializado. O navegador que se aproxima da terra pode vislumbrá-la antes que desembarque; os que estão mais distantes, por sua vez, continuam sempre vendo o horizonte. Assim é a possibilidade de ver o futuro.

Vale notar que essa estratégia argumentativa pretende isentar Vieira de qualquer possibilidade de heterodoxia, fundamental em seu processo no Santo Ofício, já que ele seria apenas alguém que relata o que vê, claramente, uma vez que Deus, por sua Providência, teria removido de seus olhos as nuvens que impediriam a verdadeira visão do mundo.<sup>26</sup> Curiosamente, entretanto, essa argumentação leva Vieira a se emparelhar com os profetas, dos quais supostamente tentava se afastar. O profeta não inventa, mas reporta as palavras de Deus; o intérprete procura entendê-las; Vieira encontra-se numa posição melhor que qualquer intérprete antes dele – por causa do seu tempo – mas também, como os profetas, “enxerga”, prevendo acontecimentos futuros. Vieira admite não possuir o “lume da profecia”, mas apresenta o lume da razão, do discurso. Em suma, parece complicado ao jesuíta desvencilhar-se da posição em que ele mesmo se coloca constantemente.

Assim, na busca pela interpretação das profecias e pela justificação de seu pensamento, Vieira retoma profetas canônicos, como também textos de poetas e profetas provenientes do mundo pagão. Vale notar então o uso que Vieira faz das profecias das Sibilas e da *Quarta Écloga* de Virgílio.

## AS PALAVRAS DOS GIGANTES

A pretensão universalizante do cristianismo de que nos fala Auerbach pode ser comprovada no emprego que o pensamento cristão emergente nos finais da

<sup>24</sup> VIEIRA. *História do futuro*, p. 251.

<sup>25</sup> VIEIRA. *História do futuro*, p. 254.

<sup>26</sup> VIEIRA. *História do futuro*, p. 252.

Antiguidade começou a fazer dos grandes autores pagãos. Impossível era negar o débito aos autores greco-latinos; portanto, a atitude mais comum dos cristãos foi atribuir um conteúdo cristão à poesia e à filosofia dos autores pagãos, ao qual eles teriam tido acesso consciente ou inconscientemente. Esse conteúdo, obviamente, estaria oculto detrás da aparência pagã dos textos, o que pressupunha uma interpretação alegórica desse texto. No caso específico da poesia, que é o que nos interessa agora, fez-se assim uma ligação dela com a profecia, uma *theologia poetica*. Essa concepção ultrapassou a Idade Média e chegou ao Renascimento, com Petrarca, Bocaccio e Coluccio Salutati, entre outros, em que pesem algumas diferenças entre eles.<sup>27</sup> Destaca-se aqui o caso da Quarta Écloga de Virgílio, sempre atrelada às profecias das Sibilas. O trecho que mais deu azo às interpretações cristãs foi o seguinte:

Ultima Cumaevi venit iam carminis aetas;  
magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.  
iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna,  
iam nova progenies caelo demittitur alto.  
tu modo nascenti puero, quo ferrea primum  
desinet ac toto surget gens aurea mundo,  
casta fave Lucina; tuus iam regnat Apollo.

Teque adeo decus hoc aevi, te consule,  
inibit,  
Pollio, et incipient magni procedere menses;  
te duce, si qua manent sceleris vestigia nostri,  
inrita perpetua solvent formidine terras.  
ille deum vitam accipiet divisque videbit  
permixtos heroas et ipse videbitur illis  
pacatumque reget patriis virtutibus orbem.  
At tibi prima, puer, nullo munuscula cultu  
errantis hederas passim cum baccare tellus  
mixtaque ridenti colocasia fundet acantho.  
ipsae lacte domum referent distenta capellae

ubera nec magnos metuent armenta leones;  
ipsa tibi blandos fundent cunabula flores.  
occidet et serpens et fallax herba veneni  
occidet; Assyrium vulgo nascetur amomum.

Já chegou a última época da profecia de Cumas:  
surge novamente a grande ordem da totalidade dos séculos.  
A Virgem já está de volta, voltam os reinos de Saturno,  
uma nova geração é enviada do alto do céu.  
Tu, casta Lucina, favorece o menino que nasceu há pouco;  
por causa dele, a época de ferro desaparecerá  
e a geração de ouro surgirá no mundo. Apolo é quem reina  
agora.

Sendo tu, ó Polião, sendo tu o cônsul, a glória desta idade  
avançará,  
e os grandes meses começarão a correr, sendo tu o chefe.  
Se permanecem alguns vestígios de nossos crimes,  
serão apagados e libertarão as terras de um pavor eterno.  
Ele receberá a vida dos Deuses e verá os heróis  
misturados às divindades; ele próprio será visto entre elas  
e regerá com as virtudes paternas o universo pacificado.  
E para ti, criança, a terra produzirá, sem cultura alguma,  
pequenos presentes: heras que vicejam aqui e ali com nardos,  
colocásias misturadas ao alegre acanto.  
As próprias cabrinhas trarão de volta ao lar os úberes  
retesados  
de leite, e os rebanhos não temerão os grandes leões.  
Os próprios berços produzirão para ti mimosas flores.  
A serpente morrerá, e morrerá a erva enganadora do veneno;  
o amono assírio nascerá em toda parte.<sup>28</sup>

Segundo Besselaar, a Sibila era uma mulher vaticinadora e vagante. Dentre as Sibilas da Antiguidade, que poderiam ter chegado a 10 ou 12, destacavam-se a Eritrêia e a de Cumas, mencionada no poema de Virgílio. As profecias da Sibila eram geralmente catastróficas; por isso, principalmente a partir da decadência grega e do domínio romano, a Sibila passou a ser usada para fins políticos. Do mesmo modo, os judeus alexandrinos, no século II a.C., perseguidos e humilhados por pagãos, também se valeram dos oráculos sibilinos para mostrar seu rancor e anunciar a ira de Deus, introduzindo já valores estranhos ao contexto de origem das Sibilas: monoteísmo, pecado, Juízo Final, etc. Mais tarde, os cristãos, perseguidos pelo Império Romano, passaram a introduzir na interpretação

<sup>27</sup> KALLENDORE. *From Virgil to Vida: The Poeta Theologus in Italian Renaissance Commentary*, p. 45 *et seq.*

<sup>28</sup> VIRGÍLIO. *Bucólicas*, p. 49-51.

das profecias sibilinas elementos das profecias bíblicas, anunciando que a Sibila havia prenunciado profecias que, à semelhança dos profetas veterotestamentários, haviam se cumprido em Cristo. Assim, as profecias sibilinas entraram em vários textos litúrgicos e teológicos.<sup>29</sup>

Segundo Wendell Clausen, Virgílio compôs sua écloga por volta de 40 a.C. Nessa época, aproximava-se a “última idade” profetizada pela Sibila de Cumas. O poeta latino então relaciona essa “última idade” com a mítica Idade do Ouro, mencionada por Hesíodo e Arato (vv. 6-7). O primeiro, em *Os trabalhos e os dias*, narra o mito das quatro idades do mundo, em que o mundo passou da Idade do Ouro – quando o homem convivia com os deuses, regido por Crono – até a Idade do Ferro – onde Hesíodo lamenta ter de viver – passando pelas Idades de Prata e Bronze. O segundo narra a história da constelação de Virgem (v. 3), contando que esta vivera entre os homens na Idade de Ouro, quando era chamada de Justiça (*Dike*), até fugir para o Céu na Idade de Ferro, para lembrar à noite aos homens o seu erro ancestral. Assim, a Virgem se associa ao reino de Crono e à Idade de Ouro. Virgílio, portanto, relacionou a volta da Idade de Ouro e da Justiça ao nascimento de uma criança. Como comenta Clausen, o poeta latino referia-se ao Pacto de Brundisium, que trazia esperança de paz entre Marco Antônio e Otaviano.<sup>30</sup>

Os exegetas cristãos que se debruçaram sobre essa écloga, no entanto, não possuíam a noção do contexto histórico de sua produção. A partir disso, os principais pontos que geraram a interpretação cristã foram os seguintes:

- a) *iam redit et Virgo* (A Virgem já está de volta): é a Virgem Maria, que retorna depois de Eva;
- b) *nova progenies* (nova geração): são os cristãos que, batizados, separam-se dos judeus, ou refere-se a Cristo mesmo;
- c) *nec magnos metuent armenta leones* (os rebanhos não temerão os grandes leões): os rebanhos de cristãos não temerão mais a perseguição dos imperadores pagãos, os grandes leões;
- d) *occidet et serpens* (A serpente morrerá): refere-se ao demônio, cuja força vai acabar;
- e) *Assyrium vulgo nascetur amomum* (o amono assírio nascerá em toda parte): refere-se ao Imperador Constantino e à propagação da fé cristã, ao se tornar religião oficial do Império Romano.<sup>31</sup>

Nem todos concordaram com essa leitura. Lactâncio postula uma leitura cristã da écloga, mas, para ele, ela se referia à volta de Cristo e não ao seu nascimento. Jerônimo, por sua vez, ridiculariza a ideia de que Virgílio teria uma intenção cristã ao escrever seu poema.<sup>32</sup>

Evidentemente, um problema que surgia com essa concepção era a respeito de como o conteúdo cristão havia se tornado acessível aos autores pagãos. Haveria inspiração divina ou simplesmente razão natural? Não houve consenso quanto a isso. Kallendorf destaca as ideias de um neoplatônico chamado Cristoforo Landino. Segundo este último, haveria duas teologias: a *theologia prisca*, presente nos escritores da Antiguidade, desde Orfeu e Museu, e a *theologia nostra*, a cristã. Essas duas teologias correriam paralelamente, como

<sup>29</sup> BESSELER. *Antônio Vieira*. Profecia e polêmica, p. 472-474.

<sup>30</sup> CLAUSEN. *Virgil's Messianic Eclogue*, p. 65 et seq.

<sup>31</sup> CLAUSEN. *Virgil's Messianic Eclogue*, p. 72.

<sup>32</sup> KALLENDFORF. *From Virgil to Vida: The Poeta Theologus in Italian Renaissance Commentary*, p. 47.

dois afluentes de um mesmo rio. Por essa concepção, Virgílio não teria conhecimento do conteúdo cristão de sua *écloga*, mas ele estaria ali presente porque a profecia, como a poesia, seria inspirada por Deus (*furor*). Assim, para Landino, enquanto a *theologia prisca* e a *theologia nostra* estivessem de acordo, seria possível ler Virgílio sob um prisma cristão. Contudo, quando houvesse divergência, o texto deveria ser lido em seu sentido literal.<sup>33</sup>

Essa leitura em que a aproximação entre os autores pagãos e a cultura cristã se dá de forma mais cuidadosa seria abandonada, já no século XVI, por Juan Luis Vives, que afirmou que a *Quarta Écloga* era toda cristã. Outro comentarista de Virgílio, Giovanni Fabrini, na mesma época, chegou a afirmar que o poeta latino teria conhecido o Antigo Testamento. Assim, em pleno Renascimento, ainda encontrava-se em vigor, mesmo que nem sempre de forma unívoca, uma leitura dos clássicos – especialmente de Virgílio – que buscava interpretá-los à luz de conceitos cristãos.<sup>34</sup>

Vieira, numa leitura próxima à da *theologia prisca*, menciona as Sibilas várias vezes em seus textos. Na *História do futuro*, o jesuíta afirma que Deus comunicou o espírito da profecia às Sibilas para que, como os hebreus tinham seus profetas, tivessem os gentios também os seus. Curiosamente, afirma ainda que Deus falou, em alguns assuntos particulares, como a Encarnação, mais claramente através das Sibilas que dos profetas. Segundo Vieira, isso se deveu à ignorância dos gentios em respeito a Deus e a fé, em comparação aos hebreus, que haviam desde sempre conhecido a Deus. Assim, Vieira invoca a autoridade das Sibilas, usando como argumento a *Quarta Écloga* de Virgílio, o qual teria bebido na fonte divina e não na das musas gregas. O jesuíta, no entanto, não comenta detidamente o poema, mas reproduz rapidamente a interpretação de Eusébio de Cesaréia, que teria admitido que toda a *écloga* seria alegórica. Sua obscuridade, no entanto, dever-se-ia ao medo de Virgílio das autoridades romanas; por isso, o poeta latino teria ocultado a verdade cristã (Eusébio não hesita em afirmar que Virgílio conhecia a fé judaica e a expectativa de um messias) debaixo de adornos pagãos, apenas para agradar seus leitores. Seguindo basicamente as mesmas interpretações da *écloga* mencionadas anteriormente, Eusébio pontua a divindade da criança a partir das referências virgilianas à Idade do Ouro: como poderia um simples mortal provocar todas aquelas mudanças no mundo?<sup>35</sup>

Para Vieira, as Sibilas são verdadeiras profetisas porque o que prova a verdadeira profecia é o sucesso das coisas profetizadas, de que era prova o prestígio de que sempre gozaram. As profecias da Sibila de Cumas a que se refere Virgílio eram semelhantes às de vários profetas canônicos, a exemplo de Daniel, que profetizara que haveria um novo império, que seria o Quinto, sucedendo ao romano, que esse império seria de Cristo, em que a paz e a justiça reinariam, à semelhança da Idade do Ouro. Portanto, era uma verdadeira profetisa, iluminada pelo Espírito Santo tanto quanto os profetas hebreus. Virgílio, partindo do oráculo dela, fora “talhado verdadeiramente para poeta de Cristo”.<sup>36</sup>

---

<sup>33</sup> KALLENDORE. *From Virgil to Vida: The Poeta Theologus in Italian Renaissance Commentary*, p. 49.

<sup>34</sup> KALLENDORE. *From Virgil to Vida: The Poeta Theologus in Italian Renaissance Commentary*, p. 50 *et seq.*

<sup>35</sup> EUSEBIUS PAMPHILIUS. *Church History, Life of Constantine, Oration in Praise of Constantine*, Cap. XIX, XX e XXI.

<sup>36</sup> VIEIRA. *História do futuro*, p. 452.

## OS ANÕES E SUAS NOVIDADES

Como afirma Paolo Rossi, o Renascimento foi palco de uma relação conturbada entre os antigos – redescobertos e admirados – e os novos, que passaram a viver à sombra dos antigos. Descartes e Bacon teriam reprovado qualquer tentativa de *aemulatio* dos antigos, julgando-as inúteis. Pascal, por outro lado, teria mantido uma postura mais respeitosa quanto aos antigos, e mais ambígua também. Para ele, segundo Rossi, não se poderia falar impunemente qualquer coisa nova, mas não se poderia, do mesmo modo, ficar-se preso à *aemulatio*: “Por terem a seu dispor somente os olhos, os antigos não podiam explicar a Via Láctea de maneira diferente daquela que adotaram.” Como, em sua época, conhecia-se melhor a natureza, segundo Pascal, seria possível “adotar novos critérios sem injúria e sem ingratidão”.<sup>37</sup> Tal parece ser o posicionamento de Vieira quanto à questão.

O novo, prossegue o jesuíta, sempre foi vítima de suspeitas. No entanto, não há coisa antiga que um dia não tenha sido nova. Assim, o valor da obra não deve residir em sua antiguidade, mas em sua qualidade. No entanto, a *História do futuro*, segundo Vieira, não apresenta nenhuma novidade: “é história nova sem nenhuma novidade”.<sup>38</sup> A novidade reside no desconhecimento das pessoas e não nas coisas em si, já que todas são fruto da providência divina:

Porventura aquela metade do Mundo a que chamavam quarta parte, não foi criada juntamente com Ásia, com África e com Europa? E contudo, porque a América esteve tanto tempo oculta, é chamada Mundo Novo; novo para nós, que somos os sábios; mas para aqueles bárbaros, velho e muito antigo. Assim que, recolhendo todos estes exemplos, umas cousas faz novas o esquecimento, porque se não lembram. outras a escuridade, porque se não vêem; outras a ignorância, porque se não sabem; outras a distancia, porque se não alcançam. outras a negligência, porque se não buscam; e de todas estas novidades sem novidade, haverá muito nesta nossa História. Lembraremos nela muitas cousas esquecidas, alumaremos muitas escuras, descobriremos muitas ocultas, poremos à vista muitas distantes e procuraremos saber muitas ignoradas.<sup>39</sup>

A ideia errônea da exata geografia terrestre foi o maior motivo de erro dos autores antigos em relação aos modernos no tocante à interpretação profética. Para exemplificar isso, Vieira cita o capítulo 18, 1-2, de Isaías, sempre julgado como um dos textos mais obscuros entre todos os profetas:

Ai da terra que ensombreia com as suas asas, que está além dos rios da Etiópia. Que envia embaixadores por mar em navios de junco sobre as águas, dizendo: Ide, mensageiros velozes, a um povo de elevada estatura e de pele lisa; a um povo terrível desde o seu princípio; a uma nação forte e esmagadora, cuja terra os rios dividem.<sup>40</sup>

Segundo Vieira, Isaías estaria se referindo ao Brasil, já que, no mapa, esse ficaria atrás da Etiópia. Os embaixadores que chegam em navios de junco seriam os portugueses. O povo terrível e de pele lisa – sem pelos – seriam os índios antropófagos do Brasil. Mais

<sup>37</sup> ROSSI. *O nascimento da ciência moderna na Europa*, p. 91.

<sup>38</sup> VIEIRA. *História do futuro*, p. 270.

<sup>39</sup> VIEIRA. *História do futuro*, p. 272.

<sup>40</sup> BÍBLIA SAGRADA.

especificamente, a terra a que o profeta se refere seria o Maranhão, terra dividida por muitos rios e tomada de água doce por todos os lados.<sup>41</sup> Desse modo, essa passagem de Isaías, outrora tão obscura, somente se tornou compreensível quando os portugueses conquistaram o Maranhão, ou seja, quando o tempo certo foi chegado. Todos os intérpretes anteriores equivocaram-se por desconhecimento. Mais uma vez, o “melhor intérprete das profecias é o tempo”.<sup>42</sup> A figura profética de Isaías só teve seu preenchimento quando o momento certo se aproximou. Essa compreensão seria impossível para os antigos, já que seriam ignorantes do Novo Mundo. Assim, ao mesmo tempo que Vieira faz uma interpretação nova das profecias do Antigo Testamento, ele acomoda as novas terras descobertas e os novos habitantes à providência divina, de que as Sagradas Escrituras seriam o testemunho. Tal fato é emblemático para caracterizar a expansão marítima portuguesa, fomentada por crenças escatológicas, como a da procura pelas terras do Preste João e pela lenda de que São Tomé teria vindo pregar ao Brasil antes de se deslocar para a Índia. Como explica César Braga-Pinto:

Ao mesmo tempo em que a realidade do Novo Mundo confirma o significado das profecias como se fosse uma segunda revelação, o texto profético, por sua vez, transforma-se numa descrição fiel da realidade histórica e contextual do Novo Mundo. A exegese “redescobre” os significados ocultos das Escrituras e explica o passado, o presente e o futuro do Novo Mundo.<sup>43</sup>

É por isso que Isaías pode, segundo Vieira, ser considerado “historiador de Portugal”, já que os limites entre História e profecia deixariam assim de existir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento profético de Vieira responde à determinada perspectiva político-teológica, segundo a qual Portugal vai ocupar, através de seu rei “encoberto”, um papel central na fundação do Reino de Cristo na Terra. Alimentado no período de domínio espanhol pelo sebastianismo e, depois da Restauração, também pelo joanismo, o pensamento profético vieirino buscou em profecias canônicas e não canônicas – como em Bandarra, principalmente, e nas Sibilas, a título de exemplo – fundamento para a sua justificação. Esta passava pela interpretação sobretudo figural das profecias, procedimento exegético que Vieira herdou dos Padres da Igreja, o qual procurava, como afirma Auerbach, criar uma interpretação “vertical” dos acontecimentos, unindo-os a partir da ideia da providência divina e de um tempo que se encontrava desde sempre estabelecido, o que proporcionaria o conhecimento do futuro a partir da interpretação profética. Tal procedimento foi de extrema valia para Vieira, uma vez que pôde ler os textos antigos a partir de uma perspectiva nova e também acomodar a nova realidade de sua época ao texto bíblico. O Novo Mundo e seus novos habitantes tornaram-se então uma das justificativas para que Vieira pudesse sustentar sua nova leitura profética, mesmo que amiúde baseada na autoridade dos antigos, e mesmo que, muitas vezes, contrária à de autores antigos e modernos.



<sup>41</sup> VIEIRA. *História do futuro*, p. 317 et seq.

<sup>42</sup> VIEIRA. *História do futuro*, p. 341.

<sup>43</sup> BRAGA-PINTO. *As promessas da História: discursos proféticos e assimilação no Brasil Colonial (1500-1700)*, p. 193.

## ABSTRACT

Spread among several of his sermons and other works, Father Antonio Vieira's prophetic thought has increasingly been a focus of studies. Strongly related to certain period of Portuguese History – the lost of the autonomy to Spain and its ulterior Restoration – Vieira's prophetic thought was forged over a vast source of canonical and non-canonical references. Thus the objective of this article is to analyze Vieira's interpretation of Old Testament prophecies and sibylline oracles aiming at the understanding of his exegesis. Therefore, we try to associate Vieira's reading of Virgil's Fourth Eclogue to Isaiah's prophecies in his *História do Futuro*. Though Vieira's interpretative procedure is based on texts from Antiquity, it causes an antagonistic position to the interpreter due to the novelty of the very interpretation. So we try to show that this counterpoint between ancient and modern authors is emblematic as a result not just of a particular political and theological framework of the world, but also as a result of the advancements of knowledge that took place from the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries.

## KEYWORDS

Father Antonio Vieira, Virgil, Prophecy

## REFERÊNCIAS

- AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997. 86 p.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994. 507 p.
- BRAGA-PINTO, César. *As promessas da História: discursos proféticos e assimilação no Brasil Colonial (1500-1700)*. São Paulo: EDUSP, 2003. 221 p.
- BESSELMAR, José Van den. *Antônio Vieira: o homem, a obra, as ideias*. Amadora, Portugal: Bertrand, 1981. 109 p.
- BESSELMAR, José Van den. *Antônio Vieira. Profecia e polêmica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. 506 p.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição popular. Tradução da Vulgata de Padre Matos Soares. São Paulo: Edições Paulinas, 1977. 1.357 p.
- CLAUSEN, Wendell. Virgil's Messianic Eclogue. In: KUGEL, James L. (Ed.). *Poetry and Prophecy*. New York, USA: Cornell University Press, 1990. p. 65-74.
- COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. 139 p.
- EUSEBIUS PAMPHILIUS. *Church History, Life of Constantine, Oration in Praise of Constantine*. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf201.iv.vii.xix.html?highlight=virgil#highlight>> Acesso em: 16 jan. 2009.
- GILSON, Étienne. *O espírito da filosofia medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 591 p.

- HANSEN, J. A. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da Unicamp, 2006. 230 p.
- HERMANN, Jacqueline. Antônio Vieira e o Sebastianismo: messianismo régio e transfiguração barroca. In: COSTIGAN, L. H. (Org.). *Diálogos da conversão*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 99-121.
- KALLENDORF, Craig. From Virgil to Vida: The Poeta Theologus in Italian Renaissance Commentary. *Journal of the History of Ideas*, University of Pennsylvania Press, v. 56, n. 1, p. 41-62, Jan. 1995.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Palas, 1978. 697 p. (v. 1).
- MUHANA, Adma. O processo inquisitorial de Vieira: aspectos profético-argumentativos. *Revista Semear* 2. Disponível em: <[http://www.letras.puc-rio.br/Catedra/revista/2Sem\\_02.html](http://www.letras.puc-rio.br/Catedra/revista/2Sem_02.html)> Acesso em 16 jan. 2009.
- ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: EDUSC, 2001. 494 p.
- VIEIRA, Antonio. *Clavis Prophetarum*. Livro III (ed. crítica, fixação do texto, trad., notas e glossário de Arnaldo Espírito Santo segundo projeto iniciado com Margarida Vieira Mendes). Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000. 745 p.
- VIEIRA, Antonio. *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*. (Introdução e notas de Hernâni Cidade). Bahia, Universidade da Bahia, 1957. Tomo 1 (XL-342) e 2 (XXII-396).
- VIEIRA, Antonio. *História do futuro*. Brasília: EdUnB, 2005. 528 p.
- VIRGÍLIO. Bucólicas. Trad. Zélia de Almeida Cardoso. In: NOVAK, Maria da Gloria; NERI, Maria Luiza (Org.). *Poesia lírica latina*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 39-59.